

Paixão & amor e Fibonacci

(Este artigo foi publicado no jornal O POVO em 09 de julho de 2016)

Perguntei a Isadora sobre Fibonacci. Ela brincou dizendo: “Já ouvi falar. É bom pra asma, né não?” (quase! O da asma é Fimatosan). Leonardo Fibonacci, o mais famoso matemático da Idade Média, propôs no livro Liber Abacci, em 1202, o uso desta sequência mágica: 0,1,1,2,3,5,8... E depois ? Beleza, você acertou: 13, 21,...

O arranjo das folhas, a reprodução de abelhas, a formação de conchas, de furações, da via láctea, etc., são exemplos clássicos da natureza que obedecem ao padrão numérico da sequência de Fibonacci. Seria essa “magia” matemática uma intriga a mais entre religião e ciência?

Na briga do rochedo contra o mar, da fé dos homens contra a matemática da natureza, os agnósticos são salvos pela metáfora poética. Enquanto Steve Jobs trocaria “toda a sua tecnologia por uma tarde com Sócrates”, tem quem prefira 51 anos, 9 meses e 4 dias com Garcia Marques em “O Amor nos Tempos do Cólera”. Nele, o Gabo descreve o cenário de amor (ou paixão) de Florentino Ariza pela estonteante Fermina Daza, em Cartagena das Índias no século XIX.

Ahh... amor e paixão! Um é certeza, o outro é combate? Um é até que a morte os separe, o outro tá nem aí ? O fato é que o realismo fantástico do Gabo não obedece a nenhum padrão lógico ao tratar paixão e amor.

A lógica da matemática com regras rígidas que vence a física quando se divide uma mesa ao meio com uma faca, infinitas vezes. A lógica difusa da poesia sem regra nenhuma que dá vida à lâmina que apedreja, a mesma que afaga o cordão umbilical. Podem ser elas, a matemática e a poesia, lados da mesma moeda lançada ao acaso, frequências díspares a nos seduzirem no aqui e agora? Ou podem ser escolhas nossas que valorizem a vida! Que combinação delas seria mais fluida na ampulheta do tempo, que se esvai a nossa revelia, ao tentamos ser felizes?

Ainda bem que Isadora, aluna de hotelaria do IFCE Aracati que distribui sorridente suas poesias nos corredores, não estava com Fibonacci na cabeça quando fez esta pérola: “Desculpe-me, meu amor, ter escrito uma carta tão longa. Não tive tempo de escrever uma mais curta”. Tampouco João, aluno de computação, ao responder: “Don’t worry baby, minha paixão é o último número de Fibonacci”.

Esses meninos ... (risos)!

Mauro Oliveira

Professor do IFCE Aracati